

Capítulo 21

**Aspectos de produção e
comercialização da cadeia
agroindustrial do café
em Rondônia**

*Calixto Rosa Neto
Leonardo Ventura de Araújo
José Edny de Lima Ramos*



Introdução

A intervenção em qualquer setor da economia requer dos planejadores e dos seus atores o conhecimento adequado dos fatores que, de alguma forma, interferem ou poderão interferir na formulação de políticas e na execução das estratégias concebidas. Conhecer, portanto o ambiente em que estão inseridos, a situação atual e as tendências que se projetam, pode se constituir em fator diferencial para a competitividade de um setor e das organizações que dele participam.

Na esfera agropecuária essa realidade não difere do conjunto de outros setores da economia. A evolução do conceito de agricultura, onde o elo de produção era visto de forma isolada e estanque, para uma visão ampliada, passou a considerar também todas as operações que ocorrem no âmbito de determinado segmento produtivo, incluindo oferta de insumos, processamento, comercialização e consumo.

Nesse contexto, a cafeicultura se apresenta como atividade de suma importância econômica e social no agro brasileiro, responsável por parcela substancial na balança comercial brasileira, aparecendo como o décimo principal produto da pauta de exportações brasileiras, cujos valores exportados atingiram a cifra de 8,7 bilhões de dólares em 2011 (BRASIL, 2011).

Em Rondônia, a cafeicultura representa importante fator de geração de emprego e renda para aqueles que a exercem, principalmente considerando-se que a maioria se caracteriza como produtores familiares. De acordo com dados do Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2009), existiam cerca de 30.000 estabelecimentos rurais no Estado, cujas famílias trabalhavam com café na época em que o levantamento foi realizado.

Objetivando conhecer as características socioeconômicas desses produtores, os sistemas de produção utilizados, bem como os aspectos de negociação tanto no setor de produção quanto no de comercialização propriamente dito, realizou-se o diagnóstico da cadeia produtiva do café em Rondônia englobando esses dois elos.

Utilizando-se o método da pesquisa descritiva no setor de produção, aplicou-se instrumento de coleta de dados semiestruturado junto a uma amostra de 260 produtores. Já no segmento de comercialização, a abordagem metodológica foi a da pesquisa exploratória, com aplicação de questionários com questões abertas junto a 17 cerealistas, três cooperativas e uma associação, perfazendo 21 empresas comercializadoras de café no Estado.

O trabalho realizado buscou conhecer as características de cada setor e de como se dá o relacionamento dentro de cada elo e entre eles, visando possibilitar a identificação dos principais gargalos e servir como instrumento de apoio para a elaboração de políticas públicas que possam alavancar a cafeicultura rondoniense.

Procedimentos metodológicos

Metodologia e natureza da pesquisa

Este trabalho se caracterizou pelo uso da pesquisa descritiva, no caso do setor de produção, e exploratória, no de comercialização, sendo de natureza quali-quantitativa.

Para Sellitz et al. (1974) a pesquisa descritiva objetiva “apresentar precisamente as características de uma situação, um grupo ou um indivíduo específico (com ou sem hipóteses específicas iniciais a respeito da natureza de tais características”. Já a pesquisa exploratória busca familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, com o intuito de poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou gerar novas hipóteses.

O trabalho foi concebido e executado utilizando como roteiro básico a metodologia desenvolvida pelo Sebrae (METODOLOGIA..., 2000) para análise de cadeias produtivas agroindustriais. O estudo parte da visão sistêmica de Davis e Goldberg (1957), no qual os setores que formam determinado arranjo agroindustrial devem ser vistos e analisados em uma dimensão mais ampla, haja vista que as ações em um segmento podem ter implicações em outro, afetando o funcionamento da cadeia como um todo.

Os resultados aqui apresentados abrangem somente as linhas de produção e comercialização, tendo sido utilizadas fontes de dados primários, obtidos por meio da aplicação de instrumentos de coletas de dados junto aos atores dos dois segmentos envolvidos.

Delimitação geográfica, universo e amostra do estudo

Para fins de definição da abrangência da área de estudo foram selecionados os nove principais municípios produtores de café do Estado de Rondônia, mais o Município de Vale do Paraíso, escolhido por sua posição estratégica, na região central do Estado (Tabela 1).

O universo da pesquisa está representado pelos produtores e cerealistas, tendo sido aplicados instrumentos de coleta de dados específicos para cada um deles.

No caso do setor de produção foi definida amostra probabilística aleatória simples, com base no universo de estabelecimentos rurais produtores de café dos dez municípios selecionados, obtidos do Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2009). O processo de amostragem considerou primeiramente o universo de 13.566 produtores existentes nos municípios escolhidos e foi definido utilizando-se a fórmula abaixo (PINHEIRO et al., 2004):

$$n = (S^2 * Z^2 * N) / (S^2 * Z^2 + e^2 * (N - 1))$$

Onde:

N= 13.566 (Tamanho do universo)
S² = 0,25 (Variância desconhecida)
Z= 1,96 (Desvio padrão)
e= 0,06 (Erro amostral)
n = Tamanho da amostra

Após a delimitação da amostra, calculou-se o percentual de produtores de cada município¹, chegando-se ao número de entrevistados de cada um deles (Tabela 1).

¹ O percentual de produtores foi calculado com base no número de estabelecimentos produtores de café de cada município em relação ao total deles. Após, foi aplicado o percentual encontrado em cada município sobre o total da amostra.

Tabela 1. Definição do universo e amostra da pesquisa no setor de produção.

Município	Nº de produtores	Amostra	%
Cacoal	2.421	46	17,8
São Miguel do Guaporé	1.951	38	14,4
Machadinho d'Oeste	1.740	33	12,8
Nova Brasilândia d'Oeste	1.430	27	10,5
Buritis	1.292	25	9,6
Alto Paraíso	1.201	23	8,9
Alta Floresta d'Oeste	1.144	22	8,4
Ministro Andreazza	1.119	21	8,2
Rolim de Moura	719	14	5,3
Vale do Paraíso	549	11	4,1
Total	13.566	260	100

Fonte: IBGE (2009).

Aplicou-se, nesse segmento, instrumento de coleta de dados semiestruturados, ou seja, com questões abertas e fechadas.

Já no elo de comercialização – cerealistas – foi definida uma amostragem intencional, não probabilística. Uma estratégia comum na amostragem intencional é escolher casos julgados como típicos da população em que o pesquisador está interessado, supondo que os erros de julgamento tenderão a contrabalançar-se (SELLTIZ et al., 1974). As entrevistas, utilizando-se questionários não estruturados, foram realizadas nos municípios mais significativos em termos de mercado do café, incluindo Ouro Preto do Oeste, que embora não tenha feito parte da amostra na pesquisa com o setor de produção, foi incluída na pesquisa com este segmento em virtude da sua importância como centro de comercialização de café no Estado. A Tabela 2 apresenta os locais onde foram realizadas as entrevistas e o número de estabelecimentos participantes.

Tabela 2. Número de unidades de comercialização pesquisadas, por município.

Município	Nº de entrevistas	%
Alta Floresta d'Oeste	3	14,3
Cacoal	3	14,3
Machadinho d'Oeste	3	14,3
Nova Brasilândia d'Oeste	3	14,3
Alto Paraíso	2	9,5
Buritis	2	9,5
Ministro Andreazza	2	9,5
Ouro Preto do Oeste	2	9,5
Rolim de Moura	1	4,8
Total	21	100

O setor de produção

De acordo com dados do Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2009), Rondônia contava, no ano da realização do levantamento, com 29.638 produtores de café, sendo que os dez municípios que compuseram a amostra do estudo respondiam por 45,9% deste total, perfazendo 13.566 estabelecimentos.

A pesquisa junto a esse segmento da cadeia agroindustrial do café no Estado buscou conhecer aspectos relacionados ao sistema de produção utilizado pelos produtores. Foram obtidas informações das características deles; disponibilidade e uso de insumos; origem do material utilizado no plantio; nível tecnológico das lavouras; tamanho das propriedades e da área plantada com café; práticas culturais; gestão da propriedade; comercialização da produção; grau de relação com os outros elos da cadeia; origem e capacitação dos produtores e outros afins. O levantamento das informações foi realizado no período de maio a junho de 2011.

Características das propriedades e dos produtores de café em Rondônia e importância econômica da atividade

Os responsáveis pelos estabelecimentos produtores de café no Estado se caracterizam pela faixa etária avançada e nível educacional baixo. Dos 260 produtores entrevistados, 56,9% têm acima de 48 anos, sendo que a média de idade deles é de 50,02 anos, com desvio padrão de 12,52. A maioria estudou pouco, porquanto 53,5% cursaram da 1ª à 4ª série do ensino fundamental e 21,2% da 5ª à 8ª série deste mesmo nível. Outros 10,8% disseram ser apenas alfabetizados e 5,4% se declararam analfabetos.

São dados que trazem preocupação e podem se apresentar como limitantes para a atividade. No primeiro caso, da alta faixa etária, pelo fato dos filhos desses produtores estarem migrando para as cidades em busca de melhores condições de vida e a contratação de mão de obra para a atividade cafeeira ser onerosa e difícil, sendo apontada como um dos principais problemas enfrentados pelos cafeicultores, como se verá mais adiante neste trabalho. A produção de café é exigente em termos de mão de obra, principalmente na época da colheita. Já a segunda situação, do baixo nível educacional, pode se constituir em fator limitante para o processo de aprendizagem desses produtores. A falta de conhecimentos, reflexo da inadequada formação e capacitação dos agricultores, apresenta-se como o principal obstáculo para que esses utilizem técnicas mais adequadas no processo produtivo (LACKI, 1999). Entretanto, os produtores entrevistados possuem experiência considerável na atividade, quando analisado o tempo que a exercem, cuja média é de 19,94 anos, com desvio padrão de 8,29, indicando que a maioria deles está na atividade há bastante tempo.

A área média das propriedades onde as entrevistas foram realizadas é de 39,8 ha, sendo que 72,3% possuem entre 10 ha e 70 ha. Esta área média dos produtores entrevistados, conforme dados da Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (DADOS..., 2011) reflete a situação fundiária do Estado, já que cerca de 80% dos estabelecimentos rurais possuem até 100 ha.

A área média plantada com café é de 6,38 ha, considerando café em formação, em produção e abandonado. A maior área média da cultura foi constatada em Alta Floresta d'Oeste, com 12,2 ha e a menor em Rolim de Moura, com 4,06 ha (Tabela 3).

A extrapolação da área média das propriedades objeto da pesquisa para o conjunto de propriedades de cada um dos municípios, levando-se em conta o número de estabelecimentos constantes no Censo Agropecuário 2006, indica a área plantada com a cultura em cada município (Tabela 4).

A área total plantada com café nestas localidades corresponde a 58% da consignada no Levantamento Sistemático da Produção Agropecuária de Rondônia na safra 2011/2012, correspondente a 149.007 ha (LEVANTAMENTO..., 2012). Portanto, esses dez

municípios representam importante polo produtor de café em Rondônia, requerendo especial atenção na formulação de políticas públicas para o setor.

Tabela 3. Área média ocupada com café nos municípios selecionados.

Município	Área de café			
	Produção	Abandonado	Formação	Total
	----- ha -----			
Alta Floresta d'Oeste	9,34	0,55	2,33	12,22
Alto Paraíso	4,82	0,13	0,25	5,20
Buritis	5,67	0,39	0,64	6,70
Cacoal	2,88	1,24	0,43	4,55
Machadinho d'Oeste	5,31	0,05	0,17	5,53
Ministro Andreazza	6,15	0,38	0,19	6,72
Nova Brasilândia d'Oeste	6,71	1,41	0,25	8,37
Rolim de Moura	3,67	0,00	0,39	4,06
São Miguel do Guaporé	4,68	0,62	0,67	5,97
Vale do Paraíso	4,25	1,12	0,00	5,37
Média geral	5,20	0,64	0,54	6,38

Tabela 4. Extrapolação da área plantada com café considerando os municípios da amostra.

Município	Área média	Nº de produtores	Área do município
	---- ha ----		----- ha -----
Alta Floresta d'Oeste	12,22	1.144	13.980
Alto Paraíso	5,20	1.201	6.245
Buritis	6,70	1.292	8.656
Cacoal	4,55	2.421	11.015
Machadinho d'Oeste	5,53	1.740	9.622
Ministro Andreazza	6,72	1.119	7.520
Nova Brasilândia d'Oeste	8,37	1.430	11.970
Rolim de Moura	4,06	719	2.919
São Miguel do Guaporé	5,97	1.951	11.588
Vale do Paraíso	5,37	549	2.948
Média geral	6,38	13.566	86.463

Outro dado de suma importância para se analisar a tendência da cafeicultura no Estado é o comportamento em relação à formação de novas áreas de plantio em comparação com áreas abandonadas e erradicadas. A Tabela 5 apresenta as médias comparativas entre café em formação, abandonado (considerando os últimos cinco anos) e erradicado (últimos dois anos)², por município.

Observa-se uma tendência de retração da área plantada com café (Tabela 5), ainda que o café abandonado não possa ser considerado como extinto, haja vista que continua

² Considerou-se o interstício de dois anos para café erradicado para contrastar com a área de café em formação, pois em tese o produtor pode ter feito a substituição de café velho por uma nova lavoura, embora em muitas situações a substituição foi por pasto.

ocupando sua área, embora sem os cuidados devidos, sendo índice de erradicação futura. Nesse contexto, tem-se uma redução de área média de 0,93 ha que, multiplicada pelo número de produtores (13.566), implica na redução de 12.618 ha no conjunto dos dez municípios pesquisados. Os maiores índices de redução/abandono de área foram observados nos municípios de Vale do Paraíso e Cacoal, enquanto somente Alta Floresta d'Oeste e Rolim de Moura apresentaram desempenho positivo neste critério.

Tabela 5. Médias comparativas de café em formação, erradicado e abandonado, por município.

Município	Café			Soma (b+c)	Diferença (a-(b+c))
	Formação (a)	Erradicado (b)	Abandonado (c)		
Alta Floresta d'Oeste	2,33	1,49	0,55	2,04	0,29
Alto Paraíso	0,25	0,16	0,13	0,29	-0,04
Buritis	0,64	0,52	0,39	0,91	-0,27
Cacoal	0,43	1,52	1,24	2,76	-2,33
Machadinho d'Oeste	0,17	0,39	0,05	0,44	-0,27
Ministro Andreazza	0,19	1,66	0,38	2,04	-1,85
Nova Brasilândia d'Oeste	0,25	0,18	1,41	1,59	-1,34
Rolim de Moura	0,39	0,07	0,00	0,07	0,32
São Miguel do Guaporé	0,67	0,77	0,62	1,39	-0,72
Vale do Paraíso	0,00	1,32	1,12	2,44	-2,44
Média geral	0,54	0,83	0,64	1,47	-0,93

A idade média das lavouras é de 7,7 anos, tendo ocorrido no âmbito dos 260 produtores entrevistados 369 citações em relação a este item, com 13 não respostas. Considerando este conjunto de menções, 38,1% dos plantios têm até cinco anos, 36,4% têm entre seis e dez anos e os demais 25,5% possuem mais de dez anos de plantados.

Analisando cada município separadamente, Rolim de Moura é o que apresentou o maior índice de cafezais novos, com 57,7% dos plantios com idade de até cinco anos. É interessante observar que esse município foi o único onde inexistiu área abandonada com a cultura e também o menor com área erradicada (Tabela 5). Entretanto, Machadinho d'Oeste possui plantios mais antigos, haja vista que 44,5% do seu parque cafeeiro foram implantados há dez anos ou mais. A Tabela 6 apresenta os intervalos quinquenais de idade das lavouras nos municípios selecionados.

Tabela 6. Idade dos plantios nos municípios selecionados – em %.

Município	Idade (anos)				
	< 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	> 20
Alta Floresta d'Oeste	36,5	21,2	36,5	5,8	0,0
Alto Paraíso	30,0	43,2	26,8	0,0	0,0
Buritis	50,1	47,3	2,6	0,0	0,0
Cacoal	45,0	29,4	19,6	2,0	4,0
Machadinho d'Oeste	22,3	52,7	19,4	5,6	0,0
Ministro Andreazza	27,8	33,4	30,4	2,8	5,6
Nova Brasilândia d'Oeste	36,6	46,9	13,2	3,3	0,0
Rolim de Moura	57,7	23,1	19,2	0,0	0,0
São Miguel do Guaporé	43,1	34,5	17,2	5,2	0,0
Vale do Paraíso	15,4	53,8	30,8	0,0	0,0
Média geral	38,1	36,3	21,4	3,1	1,1

Nota: Os valores são os percentuais em linha, estabelecidos sobre 369 citações.

Embora 74,4% das lavouras tenham dez anos ou menos, os produtores entrevistados possuem experiência na atividade, com média de 19,9 anos trabalhando com a cultura do café em Rondônia, não existindo diferenças significativas em termos regionais.

A mão de obra utilizada na produção de café nos dez municípios estudados é tipicamente familiar, havendo contratação basicamente na época de colheita, período mais intensivo na utilização de mão de obra, tanto a familiar quanto a contratada. É comum também a figura do meeiro, principalmente na etapa de colheita (Tabela 7). A mão de obra contratada, em geral, é paga com produto, tendo como referência o valor da diária praticado em cada região. O valor médio pago em 2010, considerando os dez municípios pesquisados, foi de R\$ 33,04, sendo que Alto Paraíso teve a média mais alta, de R\$ 42,00 e São Miguel do Guaporé a menor, de R\$ 30,63.

Tabela 7. Característica da mão de obra utilizada na produção de café.

Tipo da mão de obra	Média de trabalhadores	Frequência ⁽¹⁾	Desvio padrão
Mão de obra familiar na colheita	2,71	251	1,43
Mão de obra familiar outras operações	2,11	251	1,26
Mão de obra contratada colheita	1,48	251	2,20
Mão de obra contratada outras operações	0,34	251	0,90
Meeiro colheita	0,18	251	0,93
Meeiro outras operações	0,11	251	0,53

⁽¹⁾ Frequência com dedução de nove não respostas.

Com relação à mão de obra familiar, geralmente trabalham na atividade o proprietário, seu cônjuge, os filhos e outros familiares (Tabela 8). A análise dos dados (Tabela 8) indica a existência de grande concentração do trabalho nos proprietários e suas esposas, com menor participação de outros membros da família, o que pode se constituir em fator crítico para o futuro da atividade, comprometendo sua permanência ao longo do tempo.

Tabela 8. Composição da mão de obra familiar utilizada na atividade cafeeira.

Mão de obra familiar	Frequência	%
Proprietário	233	89,6
Esposa/companheira	172	66,2
Filhos até 15 anos	27	10,4
Filhos de 15 a 20 anos	69	26,5
Filhos maiores de 20 anos	57	21,9
Parentes (irmão, sobrinho, primo etc.)	28	10,8
Média geral	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

A produção de café na safra 2010/2011 foi afetada por fatores climáticos, em virtude da irregularidade das chuvas no período de floração das lavouras, além da influência da bienalidade, que se caracteriza pela alternância de safras altas com baixas safras. Quando esta pesquisa foi realizada, a colheita da precitada safra estava no início, de forma que os dados apresentados foram baseados em previsão dos próprios produtores. A Tabela 9 apresenta a produção média das propriedades amostradas, por município considerando as safras 2008/2009, 2009/2010 e 2010/2011. Já a Tabela 10 evidencia a evolução da produção com base na extrapolação das médias das propriedades selecionadas em relação ao universo de produtores de cada município e do seu total.

Tabela 9. Produção média (em sacas de 60 kg beneficiadas) das propriedades amostradas, por município, safras 2008/2009, 2009/2010, 2010/2011.

Município	Safr/Produção		
	2008/2009	2009/2010	2010/2011 ⁽¹⁾
Alta Floresta d'Oeste	179,86	225,64	100,59
Alto Paraíso	28,44	51,65	25,35
Buritis	45,48	74,24	29,92
Cacoal	59,57	65,30	20,48
Machadinho d'Oeste	35,73	40,21	29,67
Ministro Andreazza	92,19	153,48	57,33
Nova Brasilândia d'Oeste	80,74	124,11	81,67
Rolim de Moura	36,57	91,43	48,79
São Miguel do Guaporé	70,24	92,03	43,68
Vale do Paraíso	19,64	43,00	13,55
Média geral	66,08	92,94	46,77

⁽¹⁾ Previsão.

As vendas de café, leite e bezerros constituem-se nas principais fontes de receita das propriedades rurais, sendo que o café está entre as três principais atividades produtivas, em termos de geração de receita, de 94,2% dos estabelecimentos que compuseram a amostra da pesquisa, seguido da pecuária de leite (59,6%) e da venda de bezerros (58,5%).

Tabela 10. Evolução da produção dos 10 municípios selecionados, safras 2008/2009, 2009/2010, 2010/ 2011 – em sacas de 60 kg beneficiadas.

Município	Safr/Produção		
	2008/2009	2009/2010	2010/2011 ⁽¹⁾
Alta Floresta d'Oeste	205.760	258.132	115.075
Alto Paraíso	34.156	62.032	30.445
Buritis	58.760	95.918	38.656
Cacoal	144.219	158.091	49.582
Machadinho d'Oeste	62.170	69.965	51.626
Ministro Andreazza	103.160	171.744	64.152
Nova Brasilândia d'Oeste	115.458	177.477	116.788
Rolim de Moura	26.294	65.738	35.080
São Miguel do Guaporé	137.038	179.551	85.220
Vale do Paraíso	10.782	23.607	7.439
Média geral	897.797	1.262.255	594.063

⁽¹⁾ Previsão.

Nota: A produção foi calculada multiplicando-se a média dos produtores entrevistados pelo número de produtores dos municípios selecionados.

O café assume uma dimensão ainda maior quando considerada a geração de receita propriamente dita, ou seja, o quanto cada atividade proporciona em moeda para o sustento do estabelecimento rural. A receita média anual advinda de todas as atividades agropecuárias nas propriedades estudadas, tendo como base o ano de 2010, foi de R\$ 23.582,00, com o café representando 49,5% deste montante. Buritis, Ministro Andreazza e Nova Brasilândia d'Oeste foram os municípios em que a participação do café na receita total foi mais significativa. Alta Floresta d'Oeste foi a localidade com maior receita média,

tanto no conjunto das atividades agropecuárias quanto na obtida com a comercialização do café (Tabela 11).

Tabela 11. Receita média anual das propriedades e participação do café na receita das propriedades – 2010.

Município	Receita média anual da propriedade	Participação do café na receita da propriedade	
		R\$	%
Alta Floresta d'Oeste	51.034,27	30.159,96	59,0
Alto Paraíso	16.998,52	3.908,96	23,0
Buritis	16.480,00	15.064,00	91,4
Cacoal	23.582,61	8.278,04	35,1
Machadinho d'Oeste	12.482,55	4.994,33	40,0
Ministro Andreazza	23.245,24	15.685,00	67,5
Nova Brasilândia d'Oeste	25.611,11	16.142,22	63,0
Rolim de Moura	21.344,07	11.000,71	51,5
São Miguel do Guaporé	24.249,26	10.596,97	43,1
Vale do Paraíso	28.074,64	3.487,55	12,4
Média geral	23.581,55	11.676,58	49,5

As receitas oriundas da exploração de atividades agropecuárias nas propriedades são, no caso de 35% das famílias, complementadas por outras fontes de renda, tais como aposentadoria, venda de serviços etc. Machadinho d'Oeste, onde a receita proveniente de atividades agropecuárias é a mais baixa dentre os dez municípios objeto deste estudo (Tabela 11), é aquele em que os rendimentos advindos de outras origens são mais significativos. Entretanto, Vale do Paraíso, Nova Brasilândia d'Oeste e Ministro Andreazza, apresentam-se como os municípios onde a receita rural é predominante, ou seja, nesses municípios a atividade agropecuária é a maior geradora de receita para os produtores (Tabela 12).

Tabela 12. Percentual das propriedades que utilizam outras fontes de rendas para a sua manutenção e sustento das famílias nelas residentes.

Município	Fonte de renda ⁽¹⁾			
	Aposentadoria	Venda de serviços	Outras Atividades	Outros ⁽²⁾
	----- % -----			
Alta Floresta d'Oeste	18,2	18,2	0,0	4,6
Alto Paraíso	39,1	4,4	0,0	4,4
Buritis	12,0	4,0	4,0	4,0
Cacoal	19,6	0,0	10,9	0,0
Machadinho d'Oeste	30,3	30,3	6,1	0,0
Ministro Andreazza	14,3	0,0	0,0	9,5
Nova Brasilândia d'Oeste	7,4	11,1	0,0	0,0
Rolim de Moura	14,3	14,3	7,1	0,0
São Miguel do Guaporé	21,1	5,3	0,0	5,3
Vale do Paraíso	9,1	9,1	0,0	0,0
Média geral	19,6	9,2	3,5	2,7

⁽¹⁾ Na mesma propriedade podem existir membros com mais de uma fonte de renda (por exemplo, aposentadoria e bolsa família).

⁽²⁾ Comércio, aluguel de imóveis, bolsa família etc.

Nota: Respostas múltiplas com base em 260 observações.

Caracterização dos sistemas de produção e uso de tecnologias no processo produtivo

A espécie de café predominantemente utilizada pelos produtores é a *Coffea canephora* dos grupos 'Conilon' e 'Robusta', que ocupa 99,8% da área plantada com café nos dez municípios estudados, enquanto que a espécie *Coffea arabica* compõe apenas 0,2% do parque cafeeiro desses municípios. A produção das mudas que formam as lavouras é, na sua maioria, preparada pelos produtores com grãos oriundos de plantios próprios, o que origina lavouras de baixa produtividade, agravado pelo baixo uso de insumos e tratos culturais inadequados. A propagação é feita majoritariamente por sementes, sendo que apenas 3,6% da área plantada com café nos municípios pesquisados estão cobertos com mudas clonais, sobressaindo-se nesta forma de produção de mudas o município de Cacoal, com 15,1% da área de café plantada com mudas clonais, seguido do de Buritis, com 6,3%.

A densidade de plantio varia muito. Foram identificados 32 espaçamentos diferentes, sendo que o mais utilizado é o de 3,0 m x 2,0 m (entre linhas e plantas), que representa aproximadamente 1.667 plantas por ha, já que há certa variação em virtude deste espaçamento não ser uniforme. A Tabela 13 apresenta os oito espaçamentos mais utilizados pelos produtores, bem como a forma de condução da lavoura, em número de hastes, sendo que o recomendado é que se deixe uma haste por m². A maioria dos produtores (90%) realiza a prática da desbrota, cuja média anual é de 2,15 vezes.

Tabela 13. Espaçamentos mais utilizados pelos produtores e forma de condução em nº de hastes.

Espaçamentos	Número de hastes													Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	+12	
	----- N° de lavouras -----													
3 x 2	3	1	6	27	28	37	14	14	7	8	1	7	12	165
3 x 3	0	2	2	7	10	8	7	9	7	4	0	2	6	64
4 x 2	1	0	1	5	3	7	1	3	1	2	0	2	14	47
3 x 2,5	0	0	1	3	4	4	8	4	3	3	0	3	3	36
4 x 3	0	0	2	5	5	4	1	0	2	2	1	3	7	32
4 x 1	0	0	0	7	4	2	6	2	1	2	0	1	3	28
3,5 x 2	0	0	0	3	3	7	2	1	1	1	1	0	1	20
3 x 1,5	0	0	1	3	3	4	1	0	1	0	0	0	2	15

O emprego de tecnologias no plantio e condução das lavouras é consideravelmente baixo em praticamente todos os municípios pesquisados, sendo quase inexistente o uso de correção de solo e adubação. As práticas de conservação do solo são desconhecidas pelos produtores e, conseqüentemente, não utilizadas. Poucos produtores fazem análise de solo e, desses, menos ainda promovem sua correção e/ou adubam suas lavouras. As práticas culturais mais comuns são a desbrota, poda, roço e capina química (Tabela 14).

Os melhores indicadores em termos de correção (18,2%) e adubação química do solo (50%) foram verificados em Alta Floresta d'oeste, enquanto os municípios de Ministro Andreazza e Cacoal apresentaram índices superiores no uso de irrigação (42,9% e 32,6% respectivamente) em comparação aos demais. O tipo de irrigação mais utilizado é o por aspersão, citado por 71,1% dos produtores que adotam tal prática.

Especificamente em relação ao uso de irrigação, verificou-se que as lavouras das propriedades que a usam apresentaram produtividade superior àquelas que não adotam tal prática, mesmo que essa seja feita em apenas parte da área plantada com café de

cada propriedade (Tabela 15). Os dados apresentados permitem inferir que as propriedades que adotam o uso de irrigação, além de conseguirem maior produtividade, possuem também maior área com café em produção.

Tabela 14. Práticas culturais utilizadas pelos produtores.

Tratos culturais	Frequência	%
Desbrota	231	88,9
Poda	204	78,5
Roçada	194	74,6
Capina química	171	65,8
Capina manual	84	32,3
Adubação química	47	18,1
Recepa	46	17,7
Irrigação	45	17,3
Adubação Orgânica	33	12,7
Capina mecânica	15	5,8
Calagem	9	3,5
Capina com tração animal	1	0,4
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Tabela 15. Comparativo de produtividade entre lavouras irrigadas e não irrigadas – safra 2010/2011.

Uso de irrigação	Previsão de produção (média sacas beneficiadas)	Café em produção (área média/ha ⁻¹)	Produtividade (sc/ha ⁻¹)
Sim	87,23	6,50	13,4
Não	37,83	5,14	7,4
Total	46,77	5,20	9,0

A colheita da safra é feita entre os meses de março e julho, com maior concentração em maio, mês em que a maturação dos frutos ocorre de forma mais uniforme. Entretanto, poucos produtores colhem o café no nível de maturação ideal, que é de 80% dos frutos maduros (Tabela 16).

Tabela 16. Índice de maturação dos frutos no processo de colheita do café.

Colheita	Frequência	%
Não resposta	10	3,9
Com menos de 50% dos frutos maduros	16	6,2
Entre 50% e 60% dos frutos maduros	118	45,4
Entre 60% e 70% dos frutos maduros	76	29,2
Entre 70% e 80% dos frutos maduros	34	13,1
Com mais de 80% dos frutos maduros	06	2,3
Total	260	100

A maioria dos produtores utiliza terreiros de chão batido para efetuar a secagem do café (Tabela 17). No entanto, o tempo médio de permanência do café na lavoura antes de ser submetido a este processo é alto, em torno de 8,5 dias, comprometendo seriamente a qualidade do produto final. O ideal é que o café seja transportado no mesmo dia e posto a secar imediatamente, de acordo com os procedimentos recomendados (GONZAGA, 2007).

Tabela 17. Forma de secagem do café utilizada pelos produtores.

Secagem do café	Frequência	%
Em terreiro de chão batido	166	63,9
A secagem é feita por terceiros	78	30,0
Em terreiro cimentado	55	21,2
Em secadores próprios	15	5,8
Não resposta	10	3,9
Em terreiro suspenso	0	0,0
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Pragas e doenças e métodos de controle

Pragas

A ocorrência de pragas nas lavouras de café foi citada por 62,3% dos produtores entrevistados, sendo que a broca-do-cafeeiro e a lagarta-da-roseta foram relatadas como as que mais ocorrem. A Tabela 18 apresenta as frequências e percentual dos produtores que relataram o ataque das principais pragas do cafeeiro em Rondônia.

Tabela 18. Principais pragas da lavoura cafeeira relatadas pelos produtores.

Pragas	Frequência	%
Broca	100	38,5
Lagarta-da-roseta	95	36,5
Ácaro	90	34,6
Cochonilha	74	28,5
Bicho-mineiro	59	22,7
Outras	10	3,9
Total	260	-

Notas: Respostas múltiplas, sem considerar cinco não respostas e 93 não ocorrência de pragas.

A frequência de ocorrência e de área atacada apresentaram variações, havendo relatos de incidência durante o ano todo ou durante alguns meses do ano, sendo que, nos casos da broca-do-cafeeiro, da lagarta-da-roseta e do ácaro o índice de ataque mais evidenciado foi de 10% da área plantada.

Considerando os 162 produtores que afirmaram ter problemas com pragas em suas lavouras, 57,4% disseram não fazer qualquer tipo de controle, enquanto 42,6% utilizam produtos químicos e apenas um (0,6%) faz uso de produto alternativo.

Doenças

A existência de doenças nas lavouras cafeeiras foi informada por 68,5% dos entrevistados, sendo a principal delas a seca-dos-ponteiros, com 60% das citações, seguida da ferrugem-do-cafeeiro, com 41,9%. Também foram citadas a mancha-manteigosa (20,4%), cercosporiose (19,2%) e mal-de-koleroga (15,1%). Do conjunto de produtores que afirmaram ter problemas com doenças em seus cafezais, 66,9% não realizam qualquer tipo de controle visando combatê-las. Dos que disseram fazer controle

(44 produtores), 93,2% recorrem a produtos químicos e os demais 6,8% usam produtos alternativos.

Características do processo de comercialização pelo setor de produção

De forma geral, tão logo o café é colhido ele é imediatamente vendido, sendo que apenas 26,2% dos produtores armazenam o produto na propriedade, geralmente por períodos que variam de dois a oito meses. Este armazenamento, via de regra do café em coco, permite que o produtor venda o produto na entressafra, conseguindo preços melhores. Exemplo disso é o fato de que, na safra 2009/2010, os produtores entrevistados que guardaram o produto para venda posterior conseguiram, em média, obter R\$ 156,00 por saca beneficiada, enquanto os que não armazenam o produto obtiveram valor menor, de R\$ 135,00.

A venda é feita, em grande parte, sem a classificação do produto, sendo esta feita em etapas posteriores, pelos compradores, conforme se verá quando da abordagem do setor de comercialização deste capítulo. Apenas 15,5% dos produtores vendem o café classificado (Tabela 19).

Tabela 19. Forma de comercialização do café pelos produtores entrevistados, em termos de classificação.

Classificação do café	Frequência	%
Não sabe/não foi classificado	210	80,8
De 400 a 600 defeitos	22	8,5
De 200 a 400 defeitos	15	5,8
Não respostas	10	3,9
De 100 a 200 defeitos	02	0,8
De 600 a 800 defeitos	01	0,4
Total	260	100

Dentre os 40 produtores que declararam vender o café já classificado, apenas dez disseram receber preço adicional por isso. Entretanto, esse valor pode ser considerado pouco atrativo, representando acréscimo médio de apenas 4,5% em relação ao preço do café não classificado.

Quanto ao beneficiamento do café, esse é feito majoritariamente pelos compradores, porquanto apenas 11,9% afirmaram realizá-lo em suas propriedades.

Os principais compradores do café em Rondônia são os cerealistas, que retiram o produto diretamente nas propriedades, sendo o mais importante canal de venda para 93,9% dos produtores, ocorrendo situações em que a venda de parte da produção é feita também coletivamente, por meio de associações e cooperativas. A Tabela 20 apresenta os canais de comercialização utilizados pelos produtores para comercializar sua produção.

Com relação aos preços recebidos pelos produtores, observa-se variações regionais. Entre os dez municípios onde a pesquisa foi realizada, a média de preços mais alta foi em Alta Floresta d'Oeste, R\$ 163,18 a saca beneficiada e a menor em Burity, R\$ 113,08, considerando os preços praticados na safra 2009/2010 (Tabela 21).

Tabela 20. Canais de venda acessados pelos produtores.

Mercado comprador	Frequência	%
Vende para cerealistas	244	93,9
Vende coletivamente por meio de associações	26	10,0
Não resposta	10	3,9
Vende para torrefadores	03	1,2
Vende coletivamente por meio de cooperativa	03	1,2
Outro	01	0,4
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

É importante ressaltar que os preços médios constantes na Tabela 21 é a média aritmética dos valores citados nominalmente pelos produtores entrevistados e correspondem ao que efetivamente receberam quando da venda do produto.

Tabela 21. Preço médio da saca beneficiada – safra 2009/2010.

Município	Preço sc beneficiada (R\$)
Alta Floresta d'Oeste	163,18
Alto Paraíso	146,91
Buritis	113,08
Cacoal	153,09
Machadinho d'Oeste	127,94
Ministro Andreazza	152,38
Nova Brasilândia d'Oeste	145,37
Rolim de Moura	152,21
São Miguel do Guaporé	130,62
Vale do Paraíso	135,33
Preço médio total	140,84

Uma questão importante que deve ser considerada no processo de comercialização são os instrumentos contratuais, quer sejam formais ou informais, pois os compromissos firmados poderão garantir ao produtor a venda do seu produto com base em critérios previamente acordados. Entretanto, esta não é uma prática comum na relação dos produtores com seus compradores, porquanto 80,4% terem afirmado não possuir compromisso de venda com os adquirentes de sua produção. Acerto meramente verbal foi citado por 15% dos entrevistados e acordo expresso por apenas 0,8%. Esses acordos envolvem basicamente quantidade a ser entregue e preços, haja vista que o comprador, não raro, faz adiantamentos aos cafeicultores, geralmente mediante assinatura de notas promissórias, com base na previsão de produção. Quando da análise do setor de comercialização, ainda neste capítulo, voltar-se-á a esta questão dos contratos.

Administração do empreendimento rural e acesso aos meios de produção

Um preceito elementar na administração é que se deve ter instrumentos que permitam a uma empresa, seja de que porte for, estabelecer procedimentos de planejamento, execução, acompanhamento e avaliação das suas atividades, visando monitorar as inúmeras variáveis que possam afetar seu negócio, já que não há como controlá-las.

Partindo desse pressuposto, procurou-se identificar junto aos produtores os instrumentos de que dispõem – e utilizam – na administração de seus empreendimentos rurais. O resultado é pouco auspicioso, além de preocupante. Exatamente 250 produtores, correspondendo a 96,2% da amostra, afirmaram não fazer qualquer tipo de controle escrito em relação à atividade cafeeira desenvolvida nas suas propriedades. Outros 1,9% declararam fazê-lo parcialmente e 0,8% o fazem de forma mais completa. Os registros escritos mais citados foram: número de sacas produzidas, controle de vendas realizadas, despesas com adubo e mão de obra.

Reflexo deste baixo uso de técnicas administrativas básicas é o desconhecimento, por 71,9% dos produtores, do seu custo de produção de café. Mesmo os que disseram conhecer o quanto gastam no processo produtivo o fazem mais baseado em suas percepções do que em informações concretas, já que poucos têm controles sistemáticos do dia a dia da atividade, revelando a fragilidade na mensuração desse custo.

O uso de maquinário, equipamentos e implementos nos sistemas de produção também é restrito, sendo que o equipamento mais utilizado é o pulverizador costal manual (Tabela 22).

Tabela 22. Máquinas e equipamentos utilizados na atividade cafeeira.

Tipo de máquina/equipamento	Frequência	%
Pulverizador costal manual	253	58,8
Roçadora	79	29,6
Pulverizador costal motorizado	18	6,9
Roçadora motorizada	12	3,8
Trator	08	3,1
Grade/arado	04	1,5
Motosserra para poda de café	04	1,5
Microtrator	03	1,2
Enscadeira (em coco)	01	0,4
Pulverizador tratorizado	01	0,4
Roçadora elétrica manual	01	0,4

Nota: Respostas múltiplas.

Quase metade dos produtores (45,8%) teve acesso a crédito bancário no período de 2006 a 2010, a maior parte para custeio. As linhas de crédito acessadas são oferecidas exclusivamente pelo Banco do Brasil e Banco da Amazônia, com prevalência do primeiro na concessão do crédito, principalmente por meio do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf). Ainda assim, é significativo o número de produtores que não tem acesso ao crédito bancário, limitando a capacidade financeira deles para o incremento de melhorias na lavoura, fazendo com que eles tenham que vender sua produção antes mesmo de colhê-la, a preços desvantajosos.

No tocante à forma de obtenção de informações sobre a cafeicultura, prevalece a comunicação interpessoal, com técnicos da extensão e vizinhos se constituindo nos principais meios acessados pelos produtores na busca de orientação sobre a atividade cafeeira (Tabela 23).

Tabela 23. Fontes de informação sobre a cultura do café.

Fontes de informações	Frequência	%
Técnico da Extensão	192	73,9
Vizinhos	126	48,5
Programas de TV	123	47,3
Parentes	69	26,5
Reuniões na comunidade/associação/sindicato	48	18,5
Programas de rádio	42	16,2
Técnicos de casas agropecuárias	39	15,0
Dias de Campo	38	14,6
Cerealista	34	13,1
Treinamento (curso, palestra)	32	12,3
Não recebe informações	16	6,2
Técnico da Embrapa	10	3,9
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Poda, desbrota e adubação são as informações mais buscadas pelos produtores junto aos agentes e meios de informação que utilizam (Tabela 24).

Tabela 24. Informações/orientações técnicas mais acessadas pelos produtores.

Informações sobre café	Frequência	%
Poda	175	67,3
Desbrota	131	50,4
Adubação	96	36,9
Controle de pragas e doenças	68	26,2
Mercado do café	43	16,5
Plantio	39	15,0
Irrigação	37	14,2
Nenhuma	33	12,7
Colheita	26	10,0
Recepa	21	8,1
Secagem	17	6,5
Produção de sementes e mudas	16	6,2
Planejamento da produção	12	4,6
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Já a necessidade de informações declaradas pelos produtores aponta demandas diferenciadas, com adubação e mercado do café emergindo como as mais prementes, sendo citadas por 40% e 39,6% dos produtores, respectivamente, seguidas de informações sobre controle de pragas e doenças e cálculo do custo de produção (Tabela 25).

De certa forma, os produtores têm participado de eventos de transferência de tecnologia, principalmente palestras organizadas pelo serviço de extensão rural, a cargo da Emater-RO (Tabela 26).

Tabela 25. Informações sobre café mais demandadas pelos produtores.

Necessidade de informações	Frequência	%
Adubação	104	40,0
Mercado do café	103	39,6
Controle de pragas e doenças	84	32,3
Cálculo do custo de produção	78	30,0
Poda	77	29,6
Novas variedades	70	26,9
Planejamento da produção de café	62	23,9
Desbrotas	49	18,9
Secagem do café	18	6,9
Outras	08	3,1
Colheita	06	2,3
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Tabela 26. Participação em eventos técnicos – 2008-2010.

Eventos	Frequência	%
Palestra	144	55,4
Nenhum	74	28,5
Dia de campo	73	28,1
Curso	29	11,2
Dia especial	28	10,8
Outros	04	1,5
Seminário	03	1,2
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

A busca e obtenção de informações, por si só, não significa, necessariamente, maior apropriação do conhecimento por parte dos produtores, já que existem fatores que limitam seu uso. Falta de recursos financeiros, baixo retorno econômico e falta de interesse foram os motivos mais alegados pelos produtores pela não utilização das informações recebidas (Tabela 27).

Tabela 27. Dificuldades para utilização das informações recebidas.

Limitações de uso de informações	Frequência	%
Falta de recursos financeiros	158	60,8
Não compensa financeiramente	65	25,0
Não resposta	36	13,9
Não tem interesse	34	13,1
Falta de assistência técnica	29	11,2
As informações são insuficientes	20	7,7
Tem dificuldade de compreender	16	6,2
Outra	04	1,5
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Não obstante as dificuldades alegadas pelos produtores na apropriação e uso das informações recebidas, 5,8% afirmaram que sempre as usam, 28,5% quase sempre, 49,6% às vezes e 3,5% disseram que nunca usam. A diferença de 12,7% refere-se a não respostas à questão.

A pesquisa junto a este setor buscou identificar os principais problemas enfrentados pelos produtores no tocante à atividade cafeeira. O principal entrave apontado, fatores climáticos, decorre do fato de que, nos últimos anos tem ocorrido irregularidade das chuvas no período da floração da lavoura, prejudicando sobretudo a produtividade. Isso indica a necessidade de maior atenção por parte dos formuladores de políticas públicas para o setor, principalmente na questão de irrigação. A Tabela 28 apresenta os principais problemas citados pelos produtores quanto às suas dificuldades em relação à exploração cafeeira.

Tabela 28. Principais problemas que afetam a atividade cafeeira.

Principais problemas citados	Frequência	%
Fatores climáticos	155	59,6
Baixo preço do café	55	21,2
Falta de mão de obra	53	20,4
Baixa fertilidade do solo	25	9,6
Falta de recursos financeiros	22	8,5
Alto custo de produção	20	7,7
Falta de correção/adubação do solo	18	6,9
Ataque de pragas e doenças	15	5,8
Falta de tratamentos culturais	10	3,8
Alto preço dos insumos	7	2,7
Falta de assistência técnica	6	2,3
Falta de irrigação	6	2,3
Baixo potencial genético da variedade plantada	5	1,9
Dificuldade de acesso a crédito	5	1,9
Falta de políticas públicas para o setor	5	1,9
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Mesmo diante deste conjunto de problemas relatados pelos produtores, são positivas as perspectivas deles quanto ao futuro da atividade, considerando um horizonte de cinco anos, uma vez que 72,3% dos entrevistados se mostram dispostos a melhorar as tecnologias empregadas (Tabela 29).

Tabela 29. Perspectivas dos produtores quanto ao futuro da atividade.

Futuro da atividade	Frequência	%
Melhorar as tecnologias	188	72,3
Melhorar a qualidade para obtenção de melhor preço	81	31,2
Aumentar a área plantada	35	13,5
Abandonar a atividade	34	13,1
Reduzir a área plantada	30	11,5
Continuar como está	16	6,2
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

Essas ações futuras pretendidas estão associadas a um conjunto de ações que os produtores pretendem levar a termo, conforme se verifica na Tabela 30.

Tabela 30. Ações de melhorias citadas pelos produtores.

Ações de melhoria	Frequência	%
Implementar melhores tratamentos culturais (desbrota, poda etc.)	137	52,7
Adubar o cafezal	119	45,8
Fazer calagem da área plantada	69	26,5
Melhorar o processo de colheita	65	25,0
Construir um terreiro de cimento	38	14,6
Fazer a recepção de lavouras velhas	36	13,9
Nenhuma	35	13,5
Não resposta	18	6,9
Outros	08	3,1
Total	260	-

Nota: Respostas múltiplas.

O setor de comercialização

Em virtude da não disponibilização de dados oficiais sobre o número de empresas comercializadoras de café em Rondônia, definiu-se, com a colaboração de um técnico da área de comercialização e classificação de café da Emater-RO³, profundo conhecedor do setor no Estado, uma amostra de 21 cerealistas nos municípios listados na Tabela 2, dada a sua localização e importância no processo de comercialização do café produzido no Estado.

No conjunto das empresas amostradas, 11 se caracterizam como microempresas, conforme critério adotado pelo IBGE (2003), que classifica as empresas de acordo com o número de funcionários que possuem⁴. A Tabela 31 apresenta a categorização das empresas objeto do estudo, por município.

Tabela 31. Personalidade jurídica das empresas, por município.

Município	Personalidade jurídica						Total
	Micro empresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa	Cooperativa	Associação	
Alta Floresta d'Oeste	3	0	0	0	0	0	3
Alto Paraíso	1	0	0	0	0	1	2
Buritis	2	0	0	0	0	0	2
Cacoal	0	1	0	1	1	0	3
Machadinho d'Oeste	1	1	0	0	1	0	3
Ministro Andreazza	1	0	0	0	1	0	2
Nova Brasilândia d'Oeste	2	1	0	0	0	0	3
Ouro Preto do Oeste	1	1	0	0	0	0	2
Rolim de Moura	0	1	0	0	0	0	1
Total	11	5	0	1	3	1	21

O escopo de abrangência no processo de aquisição do café por parte dessas empresas varia de acordo com a característica e o tamanho delas, sendo que algumas atuam localmente e outras têm uma amplitude geográfica maior (Tabela 32).

³ Trata-se do técnico Benedito Alves, lotado no escritório da Emater-RO em Ouro Preto do Oeste.

⁴ A classificação adotada pelo IBGE é a seguinte: microempresa: até nove funcionários; pequena empresa: de 10 a 49 funcionários; média empresa: de 50 a 99 funcionários; grande empresa: mais de 100 funcionários.

Tabela 32. Locais de aquisição de café pelas empresas pesquisadas.

Localização da empresa	Personalidade jurídica	Locais de aquisição do café
Alta Floresta d'Oeste	Microempresa	Buritis, Campo Novo de Rondônia, Cacoal, Santa Luzia d'Oeste, Rio Pardo (Porto Velho) e Alta Floresta d'Oeste
	Microempresa	Alta Floresta d'Oeste e Buritis
	Microempresa	Santa Luzia d'Oeste, Alta Floresta d'Oeste, Alto Alegre dos Parecis e Rolim de Moura
Alto Paraíso	Microempresa	Alto Paraíso
	Associação	Alto Paraíso
Buritis	Microempresa	Buritis, Campo Novo de Rondônia, Monte Negro, e Rio Pardo (Porto Velho)
	Microempresa	Buritis e Campo Novo de Rondônia
Cacoal	Pequena empresa	Todo o Estado
	Grande empresa	Todo o Estado
	Cooperativa	Cacoal
Machadinho d'Oeste	Microempresa	Machadinho d'Oeste
	Pequena empresa	Machadinho d'Oeste, Vale do Anari e Cujubim
	Cooperativa	Machadinho d'Oeste
Ministro Andreazza	Microempresa	Ministro Andreazza e São Miguel do Guaporé
	Cooperativa	Ministro Andreazza e Cacoal
Nova Brasilândia d'Oeste	Microempresa	Nova Brasilândia, Novo Horizonte e São Miguel
	Microempresa	Nova Brasilândia
	Pequena empresa	Nova Brasilândia, São Miguel, Seringueiras e Urupá
Ouro Preto do Oeste	Microempresa	Ouro Preto do Oeste, Vale do Paraíso, Nova União e Teixeiraópolis
	Pequena empresa	Ouro Preto do Oeste, Vale do Paraíso, Nova União, Teixeiraópolis, Vale do Anari, Theobroma e Machadinho d'Oeste
Rolim de Moura	Pequena empresa	

A compra do café por parte das cooperativas e associação é realizada diretamente do produtor, sendo que, no caso das microempresas, 86,3% das aquisições são feitas da mesma forma (Tabela 33).

Tabela 33. Percentual de compra de café diretamente do produtor pelas empresas.

Personalidade jurídica	% de compra de produtor
Microempresa	86,3
Pequena empresa	46,0
Média empresa	0,0
Grande empresa	5,0
Cooperativa	100,0
Associação	100,0
Total	75,4

Excetuando a associação e cooperativas, as outras empresas adquirem o produto de intermediários informais, principalmente as micro e pequenas empresas. No caso da grande empresa participante da pesquisa, a compra é feita majoritariamente de outros cerealistas, haja vista que adquire somente 5% do café diretamente dos produtores. A aquisição engloba tanto o café em coco quanto beneficiado, exceto a grande empresa citada, que o faz somente na forma beneficiada.

O café comercializado é praticamente todo da espécie *Coffea canephora*. Apenas uma cooperativa do Município de Ministro Andreazza afirmou adquirir café arábica, mesmo

assim em percentual pouco significativo, correspondendo a apenas 0,5% do total que costuma comprar. Com relação à potencialidade de mercado para o café arábica em Rondônia, 31,8% dos comerciantes entendem ser factível sua produção em Rondônia, enquanto outros 68,2% são céticos quanto a esta possibilidade, por considerarem ser difícil produzir café desta espécie com qualidade, em virtude das condições de clima, solo e altitude desfavoráveis.

A maioria das empresas comercializadoras (76,2%) faz adiantamento aos compradores na compra da produção, por meio da emissão de Nota Promissória, que é resgatada mediante a entrega do produto. Esta é uma prática que acaba redundando na realização da colheita com os grãos com índice de maturação fora dos padrões adequados, dada a pressão feita pelos cerealistas junto aos produtores, com prejuízo para esses últimos, pois há menor rendimento decorrente do fato de a colheita ser feita com os grãos, em grande parte, ainda verdes.

Este compromisso de venda por parte dos produtores não é visto por parcela significativa deles como um ato formal com os compradores, pois conforme visto neste capítulo, 80,4% desses produtores afirmaram não ter vínculo contratual com os adquirentes do café que comercializam. No entanto, esta mesma questão, quando posta aos cerealistas, teve resposta diferente, com 66,7% dos entrevistados afirmando existir instrumento contratual formal com os produtores, certamente tendo como parâmetro a Nota Promissória assinada por ocasião do adiantamento de recursos. Outros 19,1% disseram possuir apenas compromisso verbal e os demais 23,9% não possuem compromisso com os fornecedores do produto que adquirem. Os compromissos, tanto formal quanto informal, envolvem, basicamente, quantidade a ser entregue e preço.

O café adquirido pelos cerealistas transita por diferentes canais de comercialização. Há aqueles que vendem o produto para outros cerealistas dentro do próprio Estado e os que o negociam junto a outros compradores fora do Estado (Tabela 34).

Tabela 34. Canais de comercialização utilizados pelos cerealistas.

Canais de comercialização	Frequência	%
Cerealistas locais (dentro do Estado)	11	52,4
Indústrias de transformação (torrefadoras, indústrias de café solúvel) fora do Estado	10	47,6
Por meio de corretores	07	33,3
Indústrias de transformação (torrefadoras) dentro do Estado	02	9,5
Total	21	-

Nota: Respostas múltiplas.

São Paulo e Paraná são os principais destinos do café produzido em Rondônia e as empresas Iguazu e Cacique as principais compradoras.

A venda do café pelos produtores é feita sem a classificação do produto, que é realizada pelo cerealista antes de vendê-lo novamente, agregando valor e, certamente, obtendo preço mais vantajoso. A classificação feita obedece ao critério por número de defeitos, conforme metodologia proposta por Cortez (2000), semelhante à utilizada no café arábica, porém com diferença nos números de defeitos permitidos e nas notas de cada categoria, como pode ser observado na Tabela 35.

O café classificado nesta fase é predominantemente do tipo 8 e acima de 8, sendo que apenas três comerciantes não perpetraram a classificação nesta fase, processo que é efetuado pelos adquirentes da etapa seguinte da comercialização. Somente uma

empresa (cooperativa de Machadinho d'Oeste) declarou comercializar café classificado como tipo 7 (200 defeitos).

Tabela 35. Classificação do café *C. canephora* quanto ao tipo.

Tipo	Nº de defeitos
2	06
3	12
4	25
5	50
6	100
7	200
8	400
Acima de 8	Acima de 400

Fonte: Cortez (2000).

Os tipos de instrumentos contratuais existentes neste degrau da mercancia não diferem muito dos observados no nível anterior, ou seja, entre produtores e os compradores do seu café, conforme se observa na Tabela 36.

Nas circunstâncias em que existem instrumentos formais de negociação, as condições contratuais mais exigidas são quantidade a ser entregue, preço e padrões de qualidade, ambas com 61,9% de citações. Época de entrega foi outro aspecto mencionado por 42,9% dos respondentes, numa questão de respostas múltiplas.

Tabela 36. Compromissos entre os agentes do setor de comercialização.

Instrumentos contratuais	Frequência	%
Contrato formal (escrito) entre os agentes	14	66,6
Compromisso informal (verbal)	1	4,8
Não existe compromisso de venda	6	28,6
Total	21	100,0

Mais da metade das empresas comercializadoras (52,2%) utilizam capital próprio nos trâmites negociais, inclusive adiantando recursos para os produtores. Os demais 47,8% buscam recursos no mercado financeiro, por intermédio de bancos e cooperativas de crédito.

As principais dificuldades enfrentadas pelas empresas no negócio café dizem respeito à alta competitividade no setor e escassez do produto, notadamente na safra 2010/2011, ano de baixa produção. Vale ressaltar que essas duas questões estão intrinsecamente relacionadas, sendo uma, a alta concorrência, decorrente da segunda, escassez do produto. Com a diminuição da oferta, há um acirramento entre os concorrentes, que utilizam artifícios para conseguir maior quantidade de fornecedores, sendo o principal deles a compra antecipada da safra, buscando gerar compromisso do produtor, que nem sempre o cumpre. A Tabela 37 apresenta os obstáculos preponderantes neste processo de comercialização do café no Estado, apontados pelos entrevistados.

Na outra ponta do negócio, ou seja, na escala posterior do processo de comercialização, quando o café é vendido para outros compradores, alguns deles finais, o grau de dificuldade relatado é menor, sendo que 52,2% das empresas afirmaram não ter problemas para comercializar o café. Algumas questões pontuais foram colocadas, como legislação tributária, conferência de tipo e peso, pouco conhecimento do mercado externo (fora do Estado) e oscilação nos preços.

Tabela 37. Principais dificuldades no processo de aquisição de café citadas pelas empresas.

Dificuldade de aquisição	Frequência	%
Concorrência	06	28,6
Escassez do produto	06	28,6
Não tem dificuldade para adquirir o produto	04	19,0
Estradas ruins	02	9,5
Falta de fidelidade do associado/cooperado	02	9,5
Falta de capital de giro	02	9,5
Dificuldade de receber o produto dos produtores que têm adiantamento na máquina	01	4,8
Dificuldade de se adequar à legislação da vigilância sanitária	01	4,8
Falta de conhecimento do contrato de venda	01	4,8
Falta de mão de obra	01	4,8
Total	21	-

Nota: Respostas múltiplas.

Nota-se, neste rol de dificuldades reclamadas tanto na fase de aquisição quanto na de venda do café, que não há menções a problemas no que diz respeito à qualidade do produto, questão recorrente quando se discute os entraves da cafeicultura em Rondônia. Pelo contrário, os entrevistados foram assertivos na declaração de não terem maiores problemas quanto a esse aspecto. Apenas dois deles apontaram o fato do café não ser bem seco, apresentando índice de umidade fora do padrão requerido. Muitos deles, quando indagados sobre o indicador qualidade, relegaram-no com a seguinte frase: “o que tiver de café a gente vende”. Até quando?

A percepção dos agentes do setor de comercialização é a de que está havendo diminuição da área plantada com café no Estado, conforme observação feita por 90,5% dos entrevistados, em virtude da diminuição da oferta do café ao longo dos anos. Na concepção desses atores da cadeia produtiva do café, menor disponibilidade do produto tem relação direta com a retração da área plantada, o que explicaria a menor produção. Essa percepção de diminuição da área plantada procede, já que, de acordo com dados do IBGE/SIDRA (2012), no Estado de Rondônia houve uma redução de área de café destinada à colheita de quase 10.000 ha no período entre 2006 e 2011. Isso representa um decréscimo na área em torno de mais de 6%. Entretanto, a adoção de melhores práticas de cultivo e de melhoria das técnicas de colheita e preparo pode proporcionar uma maior produtividade e, conseqüentemente, maior produção, sem necessariamente ter que aumentar a área plantada ou manter a atualmente existente.

As causas indicadas como contribuintes dessa diminuição da área plantada são diversas, e muitas delas têm a ver mais com circunstâncias e questões de fato do que necessariamente com o tamanho do parque cafeeiro, conforme pode ser observado na Tabela 38.

Na concepção desse segmento da cadeia do café, os fatores elencados na Tabela 38 podem se apresentar como críticos para o desenvolvimento da cafeicultura local, daí preverem uma diminuição futura da área plantada com a cultura, embora parte deles perceba que a tendência seja o contrário, ou seja, de aumento da área. Há também os que esperam uma melhoria na qualidade do produto, implicando em ganhos significativos para o segmento da cadeia como um todo. A Tabela 39 apresenta a expectativa dos comerciantes, em um horizonte de cinco anos, concernente à atividade cafeeira rondoniense.

Tabela 38. Principais causas de redução da área plantada com café, na percepção dos agentes do setor de comercialização.

Causas de redução da área plantada	Frequência	%
Fatores climáticos	09	42,9
Falta de mão de obra	06	28,6
Oscilações no preço do café	05	23,8
Maior incentivo à pecuária	05	23,8
Falta de incentivo governamental	04	19,0
Cafezais velhos	04	19,0
Falta de assistência técnica	03	14,3
Falta de tratos culturais	02	9,5
Baixa produtividade	01	4,8
Barreiras ambientais	01	4,8
Falta de correção do solo	01	4,8
Migração para outras atividades	01	4,8
Pragas	01	4,8
Total	21	-

Nota: Respostas múltiplas.

Tabela 39. Perspectivas do segmento de comercialização em relação à atividade cafeeira.

Expectativas de produção futura	Frequência	%
Vai diminuir a área plantada	11	52,4
Vai melhorar a qualidade do café	08	38,1
Vai aumentar a área plantada	07	33,3
A atividade cafeeira tende a desaparecer	01	4,8
Total	21	-

Nota: Respostas múltiplas.

Quando indagados sobre quais ações o governo do Estado poderia empreender no sentido de incentivar e melhorar as condições do setor cafeeiro, emergiu como prioritária a implantação de um plano específico para a atividade, englobando todos os seus elos (Tabela 40). Interessante notar que todas as citações são convergentes na busca de melhorar, principalmente, as condições de produção, o que, de resto, implica na formulação de políticas públicas que possam alavancar, definitivamente, a cafeicultura local, visando torná-la efetiva e em condições de competir no cenário nacional e internacional.

Tabela 40. Ações sugeridas para melhoria da competitividade do setor cafeeiro.

Ações de melhoria sugeridas	Frequência	%
Plano de governo específico para a cafeicultura	10	47,6
Facilitar linhas de crédito específicas para o setor cafeeiro	06	28,6
Disponibilidade de material genético superior	06	28,6
Incentivar adubação e correção do solo, visando melhorar a produtividade	06	28,6
Incentivar a qualidade	04	19,0
Investir em assistência técnica	04	19,0
Incentivar a irrigação	04	19,0
Palestras e dias de campo para produtores	02	9,5
Financiar estudos básicos	01	4,8
Reduzir ICMS do frete	01	4,8
Total	21	-

Nota: Respostas múltiplas.

Considerações finais

A compreensão do funcionamento de um setor produtivo não se limita às interfaces que ocorrem dentro dele próprio. É necessário analisar e compreender as inter-relações existentes entre os diversos agentes econômicos que estão à sua volta, ou seja, é imperativo que se estabeleçam vínculos que permitam uma análise das suas perspectivas e desafios, de modo a propor e realizar intervenções que possam equacionar ou minimizar as dificuldades identificadas, bem como aprimorar os pontos positivos.

O advento do conceito de sistema agroindustrial ampliou a base de análise da agricultura, vista anteriormente como um setor isolado e estanque, como se outras operações não ocorressem no seu entorno e não fossem interdependentes, como é o caso do setor de comercialização.

O café é uma atividade agrícola de grande importância tanto no cenário nacional quanto internacional, responsável pela geração de emprego, renda e de divisas para o país, dada a sua participação significativa na balança comercial brasileira.

Rondônia tem figurado entre os seis principais estados produtores de café do Brasil, sendo o segundo maior produtor da espécie *Coffea canephora*, atrás apenas do Espírito Santo. A atividade tem expressiva importância econômica e social, sendo importante fonte de renda para cerca de 30.000 produtores rurais, a maioria de agricultores familiares. Quase toda produção de café do Estado é direcionada à indústria de solúvel, tendo como principais estados compradores São Paulo e Paraná.

Considerando que a intervenção em qualquer setor econômico depende fundamentalmente da identificação dos fatores que interferem no seu desenvolvimento, foi proposta e realizada pesquisa junto aos setores de produção e comercialização do café em Rondônia, de forma a possibilitar a análise da situação atual, dos desafios e das perspectivas, com base no conjunto de informações e dados levantados.

A pesquisa realizada junto aos produtores revelou que o índice tecnológico empregado é baixo, resultando em produtividade média também baixa, indicando a necessidade de adoção de tecnologias básicas que permitam melhorar a competitividade e eficiência do setor, tais como correção de solo, adubação e tratamentos culturais adequados.

Já o setor de comercialização se caracteriza pela presença de microempresas, com atuação mais regional e até mesmo local. Em virtude da diminuição da oferta do produto em decorrência de quebras nas safras, tem aumentado a concorrência no setor. Este segmento assume grande importância na medida em que acaba exercendo também o papel de agente financeiro, adiantando recursos aos produtores para financiar a colheita do café. Entretanto, esta prática, não rara, redundando em dependência do produtor, que finda vendendo seu produto por preços pouco compensadores. O ideal é que todos os produtores tivessem acesso a crédito por meio de agentes financeiros oficiais.

Desta forma, os resultados obtidos pela análise conjunta desses dois segmentos da cadeia produtiva do café no Estado de Rondônia indicam haver grandes desafios pela frente, que precisam de ações conjuntas e de melhor interação não só desses dois setores, mas principalmente da formulação de políticas públicas efetivas, que sejam indutoras do desenvolvimento, visando garantir a continuidade da atividade cafeeira, de forma a proporcionar melhores condições socioeconômicas para os que dela dependem,

ou seja, as quase 30.000 famílias que obtêm do café boa parte da renda que garantem seu sustento.

Referências

CORTEZ, J. C. A qualidade do café robusta. In: SEMINARIO PERSPECTIVAS DA CULTURA DO CAFE NA AMAZONIA, 2000, Ji-Paraná. **Anais...** Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2000. 157 p. il. (Embrapa Rondônia. Documentos, 50). p. 37-39.

DADOS da primeira etapa de vacinação contra febre aftosa em Rondônia. Porto Velho: IDARON, 2011. Não publicado.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

GONZAGA, D. S. M.; FERNANDES, S. R. **Preparo do café em Rondônia**. 2. reimp. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2007. 1 folder.

IBGE. **As Micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil**: 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IBGE. **Censo agropecuário 2006**: Brasil, grandes regiões, unidades de federação, mesorregiões geográficas e municípios. Rio de Janeiro, 2009.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Área colhida de café em Rondônia, 2006 - 2011**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1613&z=p&o=26&i=P>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DE RONDÔNIA. Porto Velho: IBGE, Safra 2011/2012, dez. 2012.

LACKI, P. O que pedem os agricultores e o que podem os governos: mendigar dependência ou proporcionar emancipação? **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 157-162, maio/ago. 1999.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Departamento de Planejamento e Desenvolvimento do Comércio Exterior – DEPLA, da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Balança comercial brasileira**: dados consolidados. Brasília: MDIC, 2011. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1331125742.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2012.

PINHEIRO, R. M.; CASTRO, G. C.; SILVA, H. H.; NUNES, J. M. G. **Comportamento do consumidor e pesquisa de mercado**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

METODOLOGIA do programa SEBRAE cadeias produtivas agroindustriais. Brasília, DF: SEBRAE/NA, 2000. 56 p. (Série agronegócios)

SELLTIZ, C.; JOHODA, M.; DEUTSEH, M.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1974. 687 p.